

3

A Retórica de Górgias

3.1.

Leitura dos Fragmentos

Ao buscarmos empreender uma visão ⁸⁷geral do pensamento gorgiano, devemos apresentar inicialmente alguns importantes pontos de seu pensamento retirados de seus principais fragmentos: *O tratado do não ser, O Elogio de Helena e a Defesa de Palamedes*. Apresentaremos, inicialmente, de maneira breve, os elementos que constituem particularmente cada um dos textos, para em seguida aproximarmos suas leituras, com o objetivo de relacionar suas questões, sem, contudo, deixar de apontar para as especificidades de cada texto.

No *Tratado do não Ente* Górgias apresenta uma concepção de logos que exige uma ontologia não essencialista, e seu trabalho retórico é o de articular essa ontologia em oposição às ontologias essencialistas teorizadas pelos primeiros filósofos pré – socráticos. Especificamente, com a intenção de privilegiar o *logos* como o legítimo objeto de estudo e estabelecer a retórica como uma *techne*.

Na discussão do texto ao qual nos referimos, Górgias intervém incisivamente ao argumentar que: Não existe o ente e não existe o não ente, pois se o ente é eterno não tem um começo e, portanto, seria infinito. Mas se é infinito não existe em lugar algum, e se existisse em algum lugar, não mais seria infinito, e se tiver sido gerado, teria sido gerado pelo ente ou pelo não ente, mas não pode ser gerado pelo ente, pois o ente não pode ser gerado, nem pelo não ente, pois o não ente não pode ser algo; em seguida Górgias diz que não há possibilidade de admitir a visão de que o universo é um (*hen*), assim como não há como

⁸⁷ McCOMISKEY, BRUCE. *Gorgias and the Art of Rhetoric: Toward a Holistic Reading of Extant Gorgianic Fragments*. Rhetoric Society Quarterly. Vol. 27, n°. 4 (Autumn, 1997), p 5-24.

afirmarmos a teoria de que é composto por muitas partículas (*polla*); e por último Górgias diz que nada existe, pois o ente e o não ente não podem existir juntos, mas se são o mesmo e não são o mesmo, não são ambos, o que faz com que nada sejam.

Devemos considerar que ao escrever o *Tratado do Não Ente*, Górgias não nega a impossibilidade de existência de tudo arbitrariamente, mas sim apresenta um claro limite sobre o acesso ao conhecimento das coisas. Sendo assim, podemos dizer que o retórico é claramente um cético ontológico, e não um cético epistemológico. Sua relatividade epistemológica é aparente em suas discussões da segunda e terceira teses de seu trilema. Um importante aspecto de sua concepção de existência das coisas é a de que nem tudo aquilo que concebemos através do intelecto é o mesmo que existe fora da mente. Ou seja, o ente não pode ser pensado ou apreendido, pois se as coisas pensadas fossem entes, elas existiriam da maneira em que nelas pensamos (B3 77- 79). Pensamos, contudo, em coisas que não são entes, como por exemplo, em homens voando ou carros andando sobre a água.

Contudo, Górgias vai além, ao dizer que, se aceitamos a possibilidade de apreensão dos entes, não podemos comunicar nossa experiência para os outros (B3. 83). Nesse momento, o autor apresenta o problema na representação do *logos* das coisas que possivelmente existem exteriormente. Nesse caso, essas realidades ou entes tornam-se representações mentais, distintas das realidades nelas mesmas; assim, o que comunicamos quando falamos sobre essas realidades não são as realidades nelas mesmas, mas sim, uma representação delas. Ao comunicamos algo para alguém, não falamos de coisas que possuem substâncias, comunicamos, desta maneira, apenas *logoi* (84).

Górgias, ao separar o *logos* da coisa que ele representa, dá um passo radical diante do pensamento vigente. E, ao apresentar sua teoria sobre a relação do *logos* com os entes, o pensador lança um ataque aos objetos e métodos de estudo habituais entre os pré-socráticos naturais e filósofos metafísicos. Ao seguir o caminho da separação do *logos* da realidade, o pensador cria a meta-linguagem, requerendo a separação do *logos* dos

onta, apresentando, com isso, uma nova concepção da prática e ensino da arte retórica.

Devemos considerar, contudo, que o *não ente* de Górgias não trata das questões da linguagem, menos ainda de uma teoria da retórica. O texto, apesar de abrir caminho para o aprofundamento de Górgias nessas questões, diz respeito a assuntos relacionados à ontologia e à epistemologia. Os assuntos diretamente ligados à prática retórica estiveram presentes no *Elogio de Helena* e na *Defesa de Palamedes*, pois ambos trataram dos diferentes usos que podem ser feitos da retórica, como o que McComiskey chamou de “uso positivo” descrevendo-o como uma “ferramenta inventiva” no *Palamedes*, e o uso que ele chamou de “negativo” correspondente à *peitho* no *Elogio de Helena*.

No início do *Elogio de Helena*, Górgias faz uma associação entre *logos* e verdade (*aletheia*)⁸⁸. A leitura deste trecho mostra-se bastante problemática quando fazemos uma comparação com as leituras comumente feitas do *Tratado do não Ser*⁸⁹. Contudo, ao considerarmos a leitura holística dos textos de Górgias, aceitamos que o fragmento mencionado não descarta os elementos apresentados pelo retórico em outros momentos. Nesse sentido, apresentamos *aletheia* no contexto gorgiano como o sentido de sinceridade do discurso oposto ao *pseudos* (falso), além da concepção de uma verdade relativa, que estaria de acordo com as situações apresentadas.

Górgias argumentou os efeitos das incontornáveis realidades externas na *psuche* humana no *Tratado do não ser* e apresentou no *Elogio de Helena* a possibilidade de uma verdade relativa, que, por sua vez, constitui como a base da arte retórica. Além de ter apontado para a possibilidade da verdade, aceitando a idéia do erro (*pseude*), como um elemento constituinte do discurso oposto à verdade, Górgias explorou os elementos concernentes à *peitho* como parte do controle dos humanos, estes que são: *bia*, *logos* e *Eros*. As intenções de Górgias, no *Elogio de*

⁸⁸ Sobre essa questão, como já havia sido dito no capítulo anterior, Vessela Valiavitcharska diz haver uma intrínseca afinidade entre *logos* e verdade, estabelecida a partir da relação entre o discurso verdadeiro e o discurso correto. p, 158.

⁸⁹ McCOMISKEY, BRUCE... O autor fala que este trecho fora da leitura holística é tão problemático que faz com que alguns comentadores o ignorem. p, 10.

Helena, ao trazer a *peitho* para o centro das discussões foi, principalmente, o de demonstrar que não há intervenção divina no que diz respeito às artes. Ao apontar para as razões que teriam feito Helena ir para Tróia, Górgias não apenas apresentou as predeterminações divinas, como também apresentou as premeditações humanas. Essa distinção, entre o divino e o humano, no *Elogio de Helena*, pode ser identificada na invocação feita por Górgias a Esquilo, ou seja, ao *Mito de Prometeu*, sugerindo a possibilidade de Górgias ter considerado *peitho* como uma *techne*, ainda que negativa, no dizer de McComiskey⁹⁰.

Considerando, portanto, todos os aspectos apresentados no *Elogio de Helena*, podemos dizer que o trecho mais relevante para a retórica gorgiana é aquele em que Górgias adverte a audiência sobre o grande poder do *logos* em enganar a *psuche*. Nesse momento, Górgias argumenta que o *logos* lança mão de três caminhos para mover a psique humana: a primeira seria a linguagem métrica; a segunda, as profecias divinas e a terceira, a persuasão feita por meio de falsos argumentos⁹¹. Ao dar sequência a sua descrição, tanto dos efeitos quanto dos usos do *logos* que movem a *psukhe*, o retórico indica que quaisquer que sejam os usos do *logos* que resultam num *pseudês logos* (argumento falso) contradizem sua retórica ética, descrita no início do texto. Sendo assim, Górgias deu sequência a sua crítica feita aos usos do *logos* como *peithô*, demonstrando que, ao dar forma à linguagem, a persuasão molda a *psukhe* da maneira que deseja. Primeiramente, Górgias fala dos discursos dos astrônomos, que, ao criticarem uma opinião e a substituírem por outra, fazem com que o inacreditável e obscuro pareça real aos olhos da opinião (13). O segundo dos discursos persuasivos é o debate público que, apesar de ser escrito com arte, não é inspirado na verdade, e encanta uma grande multidão. O terceiro dos argumentos retóricos é o debate filosófico, que por sua “rapidez de pensamento” também torna mutável a credibilidade da opinião.

Podemos dizer, portanto, que os três tipos de discursos apontados acima estão vinculados à persuasão, e que a maneira com que

⁹⁰ MCCOMISKEY, BRUCE. *Gorgias and the Art of Rhetoric...* p, 11.

⁹¹ MCCOMISKEY, BRUCE. *Gorgias and the Art of Rhetoric...* p, 13-14.

estabelecem a relação com o *logos*, de acordo com Górgias, não atende às exigências do contexto democrático, pois a democracia procede apenas a partir de fundamentos baseados na sinceridade e nos valores comuns, e esses valores e requisitos evidenciam-se na *techne* retórica, presente na *Defesa de Palamedes*⁹².

Górgias, ao escrever a *Defesa de Palamedes*, lança mão de *topoi* como o elemento fundamental concernente à retórica associada a um caso judicial. Vemos, contudo, que Górgias apontou para a possibilidade de artifícios inventivos numa defesa em que não há qualquer resquício de provas e evidências. Nesse caso, há uma necessidade de abrir caminho para os argumentos inventivos baseados na verdade, estabelecidos pela necessidade presente no contexto. Para Górgias, esses argumentos representam o papel central da arte retórica, e no texto ao qual nos referimos, o retórico exemplifica o método com base em tópicos descritos como invenção lógica, ética e, quando necessário, argumentos emocionais baseados na probabilidade, estes que por sua vez, assemelham - se notoriamente aos caminhos do *topoi* descritos por Aristóteles na retórica⁹³.

Ao considerarmos o método descrito por Górgias no *Palamedes*, apresentamos os elementos mais importantes concernentes ao discurso retórico em questão. Os argumentos com base na probabilidade são de grande relevância para a promoção da defesa, já que baseiam-se na existência de eventos possíveis. O que podemos ver é que, apesar de não existirem evidências reais sobre o fato ocorrido, tanto por parte da defesa, quanto por parte da acusação, as ocorrências do possível ato em julgamento devem obedecer a uma probabilidade lógica e, partindo desse pressuposto, Górgias empreende uma argumentação com base nessas probabilidades ao dizer que sua defesa partiria de um possível princípio de traição, mas que seria impossível concretizar os atos aos quais se referiria ⁹⁴ (6).

⁹² Bruce McComiskey fala que o trecho fora da leitura holística é tão problemático que faz com que alguns comentadores o ignorem. p, 17.

⁹³ Ibid. p, 18.

⁹⁴ *Sofistas, Testemunhos e Fragmentos...* p, 135, nota 113. Górgias diz que o princípio de toda a ação se daria através de uma conversa anterior à própria ação, pois, para que fosse realmente

Outro argumento utilizado por Górgias é o que esteve baseado nos possíveis motivos que teriam levado Palamedes a empreender tal ação. Nesse caso, os motivos estariam condicionados a uma vantagem potencial, por ele descritos como: status social, riqueza, honra e segurança. Contudo, não haveria qualquer uma das vantagens descritas para o acusado, já que não seria o desejo por parte de qualquer homem grego obter êxito sobre os bárbaros e, no caso específico de Palamedes, não havia necessidade alguma de recompensa em dinheiro, por ser o acusado um homem rico; assim como, também, não havia qualquer tipo de honra para um homem que teria traído seus amigos e sua família (11 – 18).

Após lançar mão dos tipos de argumentos descritos acima, Górgias deu um salto do *logos* para o *ethos*, lançando mão de argumentos baseados nos caracteres tanto do acusador quanto do acusado. O acusado se posiciona como um homem virtuoso e apresenta o acusador como um homem imprudente que fez a acusação baseada na opinião e não na verdade, questão esta que é consideravelmente relevante no discurso, pois trata de uma ação fundamentada em princípios éticos, por tratar da validade daquilo que está sendo dito. Contudo, Palamedes se volta muito mais para a descrição do próprio caráter do que para o de seu acusador ao dizer que, muito mais importante do que apontar os defeitos do acusador é apresentar suas próprias ações virtuosas, mas, apesar disso, sugere esse tipo de argumento apenas para aqueles que estão sendo acusados de um crime (22-32).

O terceiro dos elementos apresentados por Górgias como argumentos retóricos - presentes numa defesa judicial - lança mão do *pathos*, considerado pelo retórico como o último recurso a ser apresentado num discurso forense. Ainda que o uso deste recurso seja válido, Górgias frisa

concretizada uma traição, deveria ter havido antes um encontro onde se evidenciaria a intenção da traição e se estabeleceriam os possíveis acordos. Nesse momento, Górgias estabelece através de sua estratégia argumentativa a ideia de que a acusação poderia ter se baseado no conhecimento (*episteme*) ou na opinião (*doxa*). Palamedes ao demonstrar a certeza de que a acusação era infundada, e saber que o acusador não tinha conhecimento daquilo de que o acusava, lançou mão de uma força lógica ao demonstrar que não se pode conhecer algo que não existe. Sendo assim, o acusado afastou a hipótese de que a acusação fundamentava-se no conhecimento, atribuindo-lhe o estatuto de opinião (*doxa*).

que sua capacidade retórica é reduzida, sendo por ele vista como inferior aos argumentos lógicos e éticos. No entanto, Górgias enfatiza, no fim do discurso, que o júri deve atribuir mais atenção aos fatos, ou seja, às ações, do que aos argumentos, e diz que não há como se chegar à verdade dos fatos apenas pelos argumentos apresentados (34-35). Este desfecho possui semelhança com o *Tratado do Não Ente*, no momento em que Górgias diz que o *logos* sozinho não consegue dar conta de representar os eventos reais; portanto, ao considerarmos que no *Palamedes* Górgias não aponta para a limitação do *logos* diante dos eventos, mas prioriza a ação em relação às palavras, concluímos que as ações que se sobrepõem aos argumentos são as praticadas por Palamedes de maneira virtuosa, contradizendo as injustas acusações feitas pelo acusador, ou seja, Odisseu⁹⁵.

A partir da leitura feita dos fragmentos, vemos que Górgias não apenas apresentou importantes elementos concernentes à arte retórica, como também apontou para o fato de que esses elementos estiveram vinculados à probabilidade. Não é difícil, portanto, enxergarmos claras semelhanças existentes nas artes retóricas descritas tanto por Górgias quanto por Aristóteles, como nos fez ver McComiskey⁹⁶, e, ao nos depararmos com essas semelhanças, vemos que em outros momentos Aristóteles também esteve mais próximo do pensamento de Górgias do que do pensamento descrito pela teoria platônica. A esse respeito Guthrie diz que o filósofo esteve mais familiarizado com a descrição de virtude através da enumeração de virtudes separadas, ou seja, com o método de Górgias, do que com a exigência socrática de uma definição geral. Além disso, o autor chamou atenção para o primeiro livro da *Ética*, onde pode ser encontrado tanto um forte ataque à teoria platônica das formas, como uma defesa da relatividade e da multiplicidade⁹⁷.

Ainda sobre a *Ética* de Aristóteles, podemos dizer que sua referência à retórica, feita logo de início, nos diz bastante não apenas sobre sua utilidade enquanto arte vinculada à “arte mestra” (política), mas também,

⁹⁵ McCOMISKEY, BRUCE. *Gorgias and the Art of Rhetoric...* p, 21.

⁹⁶ McCOMISKEY, BRUCE. *Gorgias and the Art of Rhetoric: Toward a Holistic Reading of Extant Gorgianic Fragments. Rhetoric Society Quarterly*. Vol. 27, n°. 4 (Autumn, 1997). p,18-21.

⁹⁷ GUTHRIE; *Os Sofistas...* p, 54-55.

sobre a importância de sua prática, por tratar de uma finalidade que é nada menos do que o bem humano (1094b)⁹⁸. Sendo assim, vemos que não apenas Aristóteles atribuiu à retórica um importante papel dentro da política, como também lhe atribuiu o estatuto de arte. A esse respeito, podemos dizer que Platão, no *Górgias*, apesar da leitura altamente crítica, não deixou de apontar para essa mesma importância e seu vínculo com a política, ao enfatizar as consequências de sua má prática, ainda que para o filósofo a retórica não correspondesse exatamente a uma arte.

Tanto Platão quanto Aristóteles apresentam distintas visões de um mesmo problema, contudo, suas questões são de ordem muito mais complexas do que as que aqui apresentamos. Interessa-nos, neste trabalho, apenas visualizar a maneira como cada um dos dois filósofos se relacionou com a retórica, e conseqüentemente, com o seu representante mais notável: Górgias. Mais do que destrinchar os pormenores de suas filosofias, apontaremos de maneira muito geral para suas principais obras a esse respeito: o *Górgias* e a *Apologia de Sócrates*, de Platão, e a *Retórica* de Aristóteles.

No diálogo *Górgias*, Platão empreendeu uma busca pelo sentido atribuído à retórica por Górgias, deixando clara sua crítica à maneira como foi estabelecida no contexto no qual Górgias se inserira. Como foi dito no capítulo anterior, Platão conferiu à retórica um caráter de adulação, ou seja, de algo que não visa a formação da alma, mas apenas o prazer; entretanto o filósofo apontou para a possibilidade de uma nova compreensão de retórica, o que nos permite dizer que a retórica não é vista por Platão como algo a ser combatido, mas sim revisto. McComiskey refere-se à leitura de Platão sobre a retórica como consequência de sua concepção de arte, pois sabemos que para o filósofo só pode ser considerado arte tudo aquilo que está fundado no saber universal⁹⁹. Sendo assim, devemos enfatizar que, ao aceitarmos a concepção platônica de arte, estaremos descartando da retórica gorgiana o estatuto de arte, o que implica diretamente num esvaziamento das questões

⁹⁸ ARISTÓTELES., *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gred Bornheim. Os Pensadores; Nova Cultural., São Paulo; 1987.

⁹⁹ MCCOMISKEY, BRUCE. *Gorgias and the Art of Rhetoric...* p, 33.

tratadas nos textos de Górgias, e conseqüentemente, descartando a leitura holística desses mesmos textos.

A *Apologia*, distintamente do diálogo *Górgias*, não possui a preocupação de questionar os usos da retórica ou defini-la, mas sim lança mão do discurso com o propósito de defesa, feita por Sócrates, de uma acusação, e, de acordo com alguns comentadores¹⁰⁰, o diálogo apresenta a retórica de maneira verdadeira, baseada em princípios morais. Contudo, ao fazermos uma análise sobre a *Apologia* de Platão, e sobre a *Defesa de Palamedes*, que é por muitos autores considerado o contraponto desse diálogo, vemos que mais do que comparar ambos os textos devemos demonstrar suas abordagens específicas diante de seus respectivos contextos¹⁰¹. Gerald J Biesecker diz que avaliar a retórica de Górgias com base nos critérios platônicos seria privilegiar a visão de mundo do filósofo, encobrando as circunstâncias históricas referentes ao discurso feito pelo retórico¹⁰². Ainda assim, vemos que a comparação existente entre os textos faz menção à defesa de ambos os acusados em um julgamento, o que nos leva a considerá-los semelhantes em suas configurações.

Vemos que Palamedes se posicionou diante da acusação e do acusador através de uma identificação com o público e que Sócrates também o fez de maneira semelhante. Contudo, apesar de a reputação ser algo a ser levado em consideração por Sócrates, é evidente que mais importante do que o julgamento da opinião pública é a vontade de Deus. Nesse sentido, Sócrates se posiciona como um homem predestinado a seguir o caminho por ele percorrido, a partir de uma ordenação divina, motivo pelo qual estaria sendo julgado. Considerando o aspecto divino do

¹⁰⁰ MAST, GERALD J. BIESECKER; *Forensic Rhetoric and the Constitution of the Subject: Innocence, Truth, and Wisdom in Gorgia's "Palamedes" and Plato's "Apology"*. *Rhetoric Society Quarterly*. Vol. 24, N° 3/4 Summer – Autumn, 1994. O autor aponta para o posicionamento de alguns comentadores sobre a retórica de Platão apresentada na *Apologia*, e essa postura se dá a partir de uma comparação entre o diálogo platônico e a *Defesa de Palamedes* escrita por Górgias. p, 148.

¹⁰¹ MAST, GERALD J. BIESECKER; *Forensic Rhetoric and the Constitution of the Subject...* p, 149.

¹⁰² GERALD J. BIESECKER-MAST... (nota 7) p, 149. O autor diz que apesar das semelhanças presentes em ambos os textos e seus respectivos contextos, sua intenção é a de enfatizar as diferenças que existem entre ambos, com o objetivo de contrastar os dois diferentes assuntos presentes em cada um dos textos.. Em nota seguinte o autor diz que seu argumento é o de que Górgias está inserido no contexto do século V, enquanto Platão faz parte da perspectiva do século IV; *Ibid.* nota 9, p, 50.

caminho percorrido pelo filósofo, Gerald J Biesecker demonstra que na *Apologia* não poderia haver qualquer julgamento por parte da corte ou do público, e que no que diz respeito à defesa de ambos os acusados, há uma clara diferença de posição: a fonte da autoridade. Ou seja, enquanto Palamedes, em seu discurso, recorre à importância das opiniões públicas, Sócrates demonstra desdém pela audiência, o que quer dizer que, ainda que ambos lancem mão de argumentos que embasam uma defesa, utilizam a retórica a partir de percepções completamente opostas¹⁰³.

A relação com a verdade é também um importante ponto a ser considerado nas leituras de Platão e Górgias. Tanto Sócrates quanto Palamedes fazem menção à autoridade da verdade no encaminhamento da defesa a ser formulada, mas, ainda assim, podemos ver que, para ambos, essa relação se deu de maneiras consideravelmente distintas. Palamedes, em seu discurso, apela para a probabilidade, enquanto Sócrates, ao declarar uma suspeita sobre discursos baseados na convenção, afirma que a linguagem pré-fabricada obscurece a verdade. Nesse caso, vemos que a estratégia retórica da *Apologia* não é a de convencer o público, mas sim a de dizer a verdade, e essa concepção de verdade é a que se baseia na sinceridade e não na probabilidade, questão que atribui um papel distinto ao júri. Ou seja, mais do que determinar se o crime pelo qual Sócrates havia sido acusado era possível, o júri careceria de compreender suas intenções¹⁰⁴.

Outro importante aspecto a ser considerado é a relação de ambos os acusados com a verdade e com a sabedoria. Sócrates se relacionou com a verdade a partir de uma concepção privada associada a um auto-conhecimento obscurecido pela linguagem e Palamedes o fez a partir da convenção da oratória forense, demonstrando a possibilidade da existência da verdade nas ações descritas pelo discurso. No entanto,

¹⁰³ MAST, GERALD J. BIESECKER; *Forensic Rhetoric and the Constitution of the Subject...* p, 153, 154. Em nota há uma interessante menção feita pelo autor da descrição de R. E. Allen sobre o ataque feito por Sócrates à audiência como uma espécie de retórica ao contrário, o que quer dizer que Sócrates utiliza a forma perfeita de um discurso forense, mas não persuasivo, chamando atenção para a falência da política e da moral por se basearem na convenção ao invés da verdade.

¹⁰⁴ MAST, GERALD J. BIESECKER; *Forensic Rhetoric and the Constitution of the Subject...* p, 155-156.

ainda que no último caso a verdade não seja descrita fielmente, podemos dizer que o discurso forense viabiliza a representação das ações a partir de uma ação simbólica construtora da verdade (da própria ação). No que diz respeito à sabedoria, podemos dizer que o retórico reconheceu sua existência nas ações referentes às questões tratadas, ou, melhor dizendo, o acusado usou o argumento lançado pelo acusador de que era, ao mesmo tempo, sábio e louco, colocando ambos os termos em oposição, atribuindo à sabedoria um conjunto de práticas passíveis de serem consideradas e julgadas pelo público.

Sócrates, por sua vez, evidenciou o saber a partir de uma perspectiva distinta, sugerindo que seu crime era sua sabedoria, e a tratou como o produto de um diálogo pessoal e privado, independente de julgamento público. Ao evidenciar o fato de que apenas Deus possui sabedoria, Sócrates se coloca na posição de mais sábio do que os outros, pois, ter o conhecimento sobre a ausência de sabedoria é considerado, pelo filósofo, um passo à frente no esforço em adquiri-la¹⁰⁵. Nesse sentido, Sócrates contrapõe a sabedoria à ignorância, afastando-a de qualquer relação com a natureza da opinião pública, ou de qualquer outro tipo de ação como podemos ver no trecho que se segue:

Examinando, pois, a fundo este homem- não preciso de citar o seu nome; era um dos nossos homens de Estado -, observando-o bem ao longo de uma conversa, Atenienses, fiquei com a seguinte impressão: pareceu-me que este homem passava por sábio aos olhos da maioria das pessoas e sobretudo aos seus próprios olhos, mas que na realidade o não era. Tentei, por isso, demonstrar-lhe que se enganava, ao julgar que era sábio. Isto me fez incorrer na sua inimizade, bem como na da maioria dos que assistiram à nossa conversa. Ao retirar-me, ia fazendo comigo esta reflexão: “sou sem dúvida, mais sábio que este homem. É muito possível que qualquer um de nós nada saiba de belo nem de bom; mas ele julga que sabe alguma coisa, embora não saiba, ao passo que eu nem sei nem julgo saber. Parece-me, pois, que eu sou algo mais

¹⁰⁵ Ibid. p, 159.

sábio do que ele, na precisa medida em que não julgo saber aquilo que ignoro.”¹⁰⁶

Sobre a *Retórica* de Aristóteles, McComiskey demonstra uma série de semelhanças entre o método retórico descrito por Górgias no *Palamedes*, com o descrito por Aristóteles. Tamanha semelhança pode ser vista a partir das considerações referentes aos *topoi* para os argumentos lógicos baseados na probabilidade e, ao empreender uma série de análises das semelhanças, o autor sugere que, dentro desse contexto, a única significativa diferença existente entre os *topoi* lógicos de Aristóteles e os de Górgias é a contextualização de ambos no que se refere à narrativa do mito de Palamedes¹⁰⁷. Quanto à concepção das artes, em especial a arte retórica, vemos que Aristóteles esteve muito mais próximo da problematização sofística do que da posição tomada por Platão. Assim como vemos que o filósofo usou, na *Retórica*, o argumento de que todas as ações humanas, incluindo as questões concernentes à retórica, estão baseadas na probabilidade, ao invés da verdade¹⁰⁸.

No que diz respeito aos estudos referentes à retórica sofística, vemos que muitos comentadores retrataram a leitura sobre a sofística de maneiras distintas. Mas simplificaremos, neste trabalho, as leituras apontadas como referência do pensamento sofístico de duas formas distintas¹⁰⁹: a primeira aproxima-se da leitura tradicional, apontando a retórica como a questão central do pensamento sofístico; a segunda diz respeito a uma revisão desta primeira leitura, como apresentaremos nos dois tópicos que se seguem¹¹⁰.

¹⁰⁶ PLATÃO; *Apologia de Sócrates*. Tradução: Manuel de Oliveira Pulquério. Biblioteca Nacional de Portugal. Reimp.-(Clássicos gregos e latinos; 16); Edições 70, Lisboa, 2009. 21 c-d. p, 24.

¹⁰⁷ McCOMISKEY, BRUCE. *Gorgias and the Art of Rhetoric...* P, 18-19.

¹⁰⁸ Ibid. p, 33.

¹¹⁰ SCHIAPPA, EDWARD. *The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece*. Yale University Press. Londres; p, 1-29.

3.2. A Retórica sofística e a Retórica Filosófica

Ao analisarmos os principais pontos referentes à retórica, vemos que, de acordo com Schiappa, importantes considerações feitas por George A. Kennedy mantiveram-se como a principal fonte de informações que obtemos sobre sua origem¹¹¹. Com base na leitura de Kennedy, podemos dizer que houve três diferentes momentos concernentes ao desenvolvimento da retórica: a técnica, a sofística e a filosófica. No que diz respeito à técnica, temos como referência a criação e desenvolvimento dos primeiros escritos sobre a arte retórica feitos por Corax e Tisias, que são reconhecidamente considerados por muitos autores como os primeiros retóricos, apresentando elementos como: a identificação das partes de um discurso forense e os argumentos baseados na probabilidade¹¹². Estes elementos, por sua vez, foram posteriormente desenvolvidos pelos futuros representantes do discurso retórico, como os sofistas, e criticados e reformulados por filósofos como Platão e Aristóteles.

No que diz respeito ao pensamento sofístico, podemos dizer que a arte retórica foi o ponto comum que uniu a todos os sofistas, e que não apenas foi objeto de ensino por parte deles, como também uma ferramenta de ensino usada para lecionar sobre qualquer assunto que fosse proposto. Como resultado de leituras baseadas na perspectiva retórica dos sofistas, muitas escolas apresentaram leituras que caminharam da seguinte maneira: há quem diga que, no caso de sofistas como Górgias, a questão a ser ensinada não possui a importância que a técnica representa, o que significa que “o sofista é puramente retórico”¹¹³, assim como, também, há referências sobre a maior preocupação, por parte dos sofistas, em criar técnicas de persuasão, causadoras de um

¹¹¹ SCHIAPPA, EDWARD. *The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece...* p, 1-13. O autor faz um levantamento de questões comumente aceitas sobre a retórica, e aponta para as obras de Kennedy que se tornaram a base para a leitura da Retórica: *Classical Rhetoric, Christian and Secular Tradition from Ancient to Modern Times, The Art of Persuasion in Greece, A New History of Classical Rhetoric*.

¹¹² SCHIAPPA, EDWARD. *The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece...* p, 4-5.

¹¹³ SCHIAPPA, EDWARD... O autor faz referência a uma leitura apresentada por George A. Kennedy; p, 7.

amoralismo, desvinculando-os de qualquer preocupação com a verdade, e com a tradição ética¹¹⁴.

Ainda que escolas mais recentes tenham apresentado um pensamento mais positivo do pensamento sofístico, tendo como influência os reabilitadores da sofística do século XIX¹¹⁵, podemos ver que, de uma maneira geral, não houve uma mudança considerável do que comumente se compreendeu por objeto de pensamento dos sofistas. O que nos parece é que a retórica tendo como objetivo a persuasão continuou a ser apontada como a principal questão tratada por muitos pensadores. Contudo, ao nos debruçarmos sobre as investigações sobre a retórica, percebemos que há uma forte ligação das questões sofísticas com as questões filosóficas, de uma maneira tão sensível, que é visível a dificuldade de apontarmos para a retórica sofística sem falarmos da retórica filosófica e vice-versa. Como vimos algumas linhas acima, a semelhança entre sofistas e filósofos não se dá apenas no campo das discussões empreendidas pelas distintas maneiras de se pensar sobre as questões, mas também na adoção de posturas semelhantes ao ponto de serem comparadas, como o caso do discurso de Sócrates na *Apologia* comparado com o de Palamedes na *Defesa* escrita por Górgias. Podemos ir além e dizer que mais uma vez Sócrates é aproximado à figura do sofista nas *Nuvens* de Aristófanes, e de maneira mais efetiva, pois é pelo próprio autor da comédia chamado de sofista¹¹⁶.

Outro importante aspecto a ser mencionado é a discussão sobre a origem do próprio termo retórica. Schiappa desenvolveu uma leitura sobre as escolas que apontavam para o surgimento do termo já no século V, com o objetivo de demonstrar que a palavra retórica não poderia ter sido criada antes dos diálogos platônicos. No que diz respeito aos argumentos daqueles que enfatizaram seu surgimento no século V, temos como os principais os seguintes argumentos: o termo foi possivelmente utilizado antes do período platônico, mas teria se perdido; ou ainda, que o termo

¹¹⁴ SCHIAPPA, EDWARD... O autor faz referência a uma leitura apresentada por Bruce A. Kimball na obra *orators and Phillosophers: A History of the Idea of Liberal Education*; p, 7.

¹¹⁵ SCHIAPPA, EDWARD... p, 8.

¹¹⁶ Aristófanes. *As nuvens*. Tradução: Jaime Bruna, Líbero Rangel de Andrade, Gilda Maria Reale Strazynski. Os Pensadores; Nova Cultural., São Paulo; 1987. P, 171-222.

poderia ter sido usado oralmente, antes de ter sido de fato registrado em papel¹¹⁷.

A discussão sobre a criação da palavra retórica nos sugere que não apenas os personagens que protagonizaram as discussões sobre a retórica por vezes se confundiram, como também o próprio termo possui origem controversa. Contudo, mais do que nos referirmos às distintas posições, temos como posicionamento a seguinte tese: em resposta aos argumentos das escolas que atribuíram ao século V a criação do termo retórica, Schiappa diz que, ainda que muitos textos tenham sido perdidos, os que restaram e trataram muito proximamente das questões referentes à retórica, em momento algum lançaram mão do termo, o que nos faz ver que não havia o uso comum da palavra. O autor segue dizendo que, já no século IV, poucos foram os pensadores que usaram a palavra além de Platão e Aristóteles.¹¹⁸

Um exemplo claro dos argumentos desenvolvidos por Schiappa é o que trata da análise da comédia *As Nuvens* de Aristófanes. Há visivelmente um uso da terminologia dos sofistas por parte de Aristófanes com a finalidade cômica. Contudo, não há referências ao termo *Retórica* no texto, o que nos faz ver que seria difícil imaginar que a palavra tivesse o uso corrente por parte dos sofistas para descrever seus ensinamentos, sem que tivesse sido, ao menos uma vez, mencionada por Aristófanes, tanto na comédia *As Nuvens*, quanto nas *Vespas*¹¹⁹. Ainda que pensemos na possibilidade de que a palavra tenha sido omitida tanto por Aristófanes, quanto pelos próprios sofistas nos textos que nos restaram, devemos enfatizar o fato de que não estamos nos referindo apenas a termos de importância para o sofista, mas sim, a um termo que Platão e Aristóteles usaram para descrever a arte sofística¹²⁰.

É importante, portanto, que nos detenhamos no seguinte ponto: Platão não apenas criou o termo *retórica*, como vemos que o primeiro

¹¹⁷ SCHIAPPA, EDWARD...*The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece...*p, 16.

¹¹⁸ SCHIAPPA, EDWARD... p, 16.

¹¹⁹ Ibid. p, 17.

¹²⁰ Idem. Ibid. O autor faz referência a uma idéia desenvolvida por Striker. As referências apontadas no texto sobre o momento em que Platão e Aristóteles descrevem a arte sofística a partir do termo retórica são: (Górgias 465c, 520b); (Retórica I 355b-21).

registro da palavra foi feito no diálogo *Górgias*¹²¹. O filósofo é apontado por Schiappa como o responsável pela invenção de muitas palavras, especialmente as terminadas em *ike*, assim como as palavras erística, dialética e “antilogia”¹²². Podemos dizer que mais do que inventar a palavra *retórica*, Platão lhe deu um sentido consideravelmente específico no que diz respeito ao seu significado e suas implicações. Ou seja, o tratamento dado ao *logos* no século V é bem distinto do que foi dado por Platão no século seguinte. Nesse sentido, Schiappa complementa suas considerações dizendo que, ainda que Platão não tenha de fato inventado o termo *retórica*, o filósofo no mínimo deu à palavra o sentido histórico.¹²³

Sabemos, contudo, que a atividade dedicada à retórica existe anteriormente ao surgimento da palavra, assim como também sabemos que o surgimento da palavra convocou um novo sentido às artes que estavam a ela relacionadas. Isso quer dizer que houve, a partir da inserção do termo, uma conceitualização da atividade retórica e de todas as outras que estiveram ligadas ao *logos*, o que inclui a própria delimitação da Retórica com relação à Filosofia e vice-versa¹²⁴. Dada a delimitação do termo Retórica, ou melhor dizendo, da disciplina “Retórica” através do nome, vemos que há uma alteração da percepção assim como da atitude com relação à atividade nomeada, pois, através de sua nomeação, estabilizou-se seu significado, da mesma maneira que a tornou um veículo de algo que detém saber, ou seja, de algo que nos possibilita conhecimento. Nesse caso, Platão, ao nomear a Retórica, além de tê-la popularizado, possivelmente buscou descrever o ensinamento de seus rivais, por muitas vezes vistos como filósofos, enfatizando os aspectos mais característicos dessa atividade¹²⁵. Contudo, ainda que tenhamos acesso à atividade retórica delimitada por sua nomeação, não temos noção exata de suas questões, assim como também não podemos afastá-la drasticamente das questões filosóficas.

¹²¹ SHIAPPA, EDWARD... p, 19. O autor refere-se ao termo retórica como uma palavra nova usada inicialmente no diálogo *Górgias*.

¹²² Ibid. p, 18.

¹²³ SCHIAPPA, EDWARD... p, 19.

¹²⁴ Ibid. p, 23.

¹²⁵ Ibid. p, 23-29.

3.3. A Reconsideração sobre a Retórica

Ao considerarmos as leituras feitas sobre a retórica antiga vemos que muitas das questões comumente aceitas devem ser revistas. Um dos importantes pontos que, com base na leitura tradicional, possui grande aceitação é o que se refere à origem da retórica enquanto técnica. De acordo com Schiappa, em sua releitura das origens da retórica, não há qualquer indício coerente ou suficiente que permita que aceitemos Tísias e Corax como os inventores da arte retórica, pois a própria existência de ambos já pode ser considerada duvidosa. Como nos diz o autor, as principais fontes que indicaram a existência de Tísias e Corax são Platão e Aristóteles¹²⁶. No caso de Platão, houve apenas menção da existência de Tísias no diálogo *Fedro*, o que é possivelmente um diálogo com os pensadores da sofística já do século IV. É possível, porém, que Tísias seja não apenas uma referência vaga feita pelo filósofo, como também um pseudônimo que represente um pensamento pautado nos moldes do probabilismo, ou seja, que não faça alusão a nenhuma “doutrina” ou “teoria” específica¹²⁷.

Se nos basearmos no que foi descrito por Platão sobre os “argumentos baseados na probabilidade”, evidenciaremos uma distância daquilo que pode ser lido como o *eikos* do século V. Os sentidos atribuídos ao termo antes do Século V possuíam variações tais quais: “provável”, “conveniente”, “adequado”, “correto”, “razoável”. Além disso, já no século IV, em um texto de retórica de Anaxímenes o termo ainda é visto como “o que parece correto”. Apenas após os textos de Platão é que o termo passou a possuir uma conceitualização técnica, a partir do uso do artigo (*to eikos*). Nesse caso, o sentido atribuído por Platão a *to eikos*, ou, melhor dizendo, da noção de que para Tísias havia um favorecimento da probabilidade sobre os fatos, pode ser considerada uma invenção, diante

¹²⁶ SCHIAPPA, EDWARD... p, 49-42. O autor menciona a existência de relatos feitos por Cícero e Quintilian sobre Corax e Tísias. Contudo, Cícero em sua obra *Brutus* possivelmente faz referência a Platão e/ou Aristóteles. Quintilian, por sua vez, provavelmente não possuiu um relato independente, já que suas informações são aparentemente derivadas dos textos de Cícero.

¹²⁷ Ibid. p, 35 - 36.

da inexistência de qualquer evidência anterior a essa compreensão¹²⁸. Podemos ainda ir além e dizer que a menção feita por Platão, de que as descobertas de Tisias fizeram parte de um livro, não possui qualquer fundamento fora do diálogo ao qual nos referimos, e que a existência de Corax não foi por Platão sequer mencionada¹²⁹.

As citações feitas por Aristóteles aos possíveis inventores da arte retórica dizem respeito a duas de suas obras intituladas: *Synagoge* e *Refutações sofísticas*. O filósofo, ao contrário de Platão, não atribui um livro a Corax, mas sim a *techne*. É importante, entretanto, atentarmos para o fato de que Corax não tinha antes sido mencionado nem por Platão, nem por qualquer outro filósofo anterior a Aristóteles, mas, como nos faz ver Schiappa, com base numa análise feita por Havelock, Aristóteles possuía uma forte inclinação em reescrever a história, e essa inclinação por vezes fez com que o filósofo identificasse seus predecessores a partir do assunto por ele abordado, contrastando com sua própria filosofia. O que podemos ver, contudo, é a existência de dois importantes indícios que nos levam a repensar os dados referentes a Corax e Tisias apresentados por Aristóteles: Corax e Tisias estão ligados por uma antiga obra do próprio Aristóteles citada por Cícero em (*Brutus 46*) ; e a referência obtida por Aristóteles de Tisias são os escritos de Platão, apresentados aqui, no que diz respeito a essa questão, como uma fonte bastante duvidosa¹³⁰.

Com base nos dados que possuímos, tanto sobre a filosofia de Aristóteles quanto sobre as intenções do próprio autor, devemos considerar as seguintes questões: há uma visível distorção na maneira com que o filósofo tratou o pensamento de Protágoras, reduzindo sua tese dos “*Dissoi- Logoi*” à afirmação de que seu objetivo era fazer o argumento mais fraco tornar-se o mais forte. É bastante provável também que a descrição da *techne* de Corax, feita pelo filósofo, tenha sido anacrônica, pois é possivelmente baseada numa anedota transmitida oralmente, ou num mito do qual possivelmente ambos os personagens

¹²⁸ Ibid. p, 36.

¹²⁹ Ibid. p, 37.

¹³⁰ SCHIAPPA, EDWARD... p, 39.

participem; além do que, o filósofo buscou criar uma linhagem que desse conta do ensino da retórica contemporânea, contudo, as contribuições dadas por Tísias, a esse respeito, ficam em aberto¹³¹.

Sabemos que é impossível saber quem primeiro codificou a tradicional terminologia das partes da oração clássica. Mas sabemos também que as histórias que atribuem esta invenção a Corax e Tísias são inconsistentes. Sendo assim, vemos que o modelo de discurso, compondo-o em introdução, argumento e conclusão, já presente no período pré-platônico, representa um arranjo de elementos que, ao invés de fazer parte de uma teoria particular, participam de um todo. Nesse sentido, Schiappa vai além ao dizer que quase não possuímos informações sobre a tradicional técnica retórica e que muitas das “*technai* retóricas” (textos sobre a arte retórica) atribuídas aos sofistas do século V não possuem autoridade. Ou seja, nenhum sofista do século V escreveu um tratado sobre a retórica, visto que historicamente nenhuma “Arte Retórica” foi atribuída a Protágoras, Hippias, Prodicus, ou Crítias e que as que foram atribuídas a Górgias, Trasymachus e Antiphon são provavelmente resultado de publicações de exemplos de discursos¹³².

Ao considerarmos as investigações feitas por Schiappa, no que diz respeito à releitura da tradição da retórica antiga, temos as seguintes conclusões:

A invenção da retórica enquanto arte atribuída a Corax e Tísias em 467 a.C. e a idéia de que Tísias teria sido professor de retórica de Corax, assim como a atribuição da autoria de um livro sobre a Arte Retórica a ambos os sicilianos, são consideradas reivindicações duvidosas. Pois, como pudemos ver, Corax é provavelmente um nome fictício, e Tísias não pode ser independentemente visto de maneira separada das considerações de Platão, assim como, nenhum registro de livro pode ser datado desse período, além do que, o que foi possivelmente feito por ambos, não foi feito sob a influência da retórica.

Corax e Tísias também não podem ser considerados os primeiros a definir a retórica como “a arte da persuasão”, pois a prática da definição

¹³¹ SCHIAPPA, EDWARD... p, 39-40.

¹³² SCHIAPPA, EDWARD... p, 44-45.

não pode ser datada antes de Sócrates e Platão; assim como, provavelmente, não houve qualquer divisão das partes do discurso forense, já que as evidências são insuficientes quanto à questão que suporta a existência de um manual sobre a retórica.

Foi atribuído tanto a Corax quanto a Tísias a contribuição teórica que diz respeito aos “argumentos baseados na probabilidade”, o que faria com que a concepção técnica do “o provável” fosse tida como pertencente ao século V, questão que demonstra-se anacrônica por assinalar a existência da construção neutra do termo (*to eikos*) - ou seja, da noção de que “o provável” é preferível num argumento à verdade - antes de Platão.

A idéia de que existiam manuais técnicos no século V disponíveis para quem quisesse aprender Retórica, condiz apenas com informações baseadas em especulações, pois caso tivessem realmente existido textos que fizessem referência a questões que tratassem de retórica, teriam sido apenas textos que fariam parte de coleções de discursos, ou seja, não poderiam ser identificados como artes de *rhetorike*. Além do que admitir a existência desses livros atribuiria legitimidade ao mito de Corax e Tísias.

É atribuído ao ensino da Arte Retórica a idéia de que era um ensino que se concentrava na retórica forense, desde que o sistema judicial grego passou a exigir que cada indivíduo defendesse a si próprio, fazendo com que a Retórica se tornasse um atrativo objeto de estudo. Contudo, como sabemos, é bastante duvidosa a veracidade do mito de Corax e Tísias, assim como o uso do termo “Retórica”. Além do que, atribuir ao ensino dos sofistas apenas essas questões implica em compreendê-lo de maneira reduzida.

No que diz respeito à releitura da tradição retórica, Michel Gagarin ressalta alguns importantes pontos já mencionados por Schiappa, como o fato de a criação da palavra retórica ter sido feita apenas no século IV por Platão, e de questões voltadas para a releitura comumente aceita da invenção da retórica, que, como bem sabemos, atribui a Corax e Tísias os créditos no século V. Contudo, além dos dados históricos, o autor assinala o fato de que todas as reivindicações feitas sobre a retórica a associam exclusivamente à persuasão, o que faz com que a leitura dos

sofistas, professores de retórica, esteja necessariamente vinculada à persuasão¹³³.

Ao ler a arte sofística de uma maneira distinta, vemos que Gagarin apresenta a persuasão apenas como um elemento a mais no *logos* sofístico, e que esse elemento não é tão importante quanto se supõe. Para tal empreendimento, o autor releu o *Elogio de Helena* a partir do contexto das *Antilogiai* sofísticas. Gagarin diz que para entender o *Elogio de Helena* é necessário colocá-lo num contexto mais amplo, ou, melhor dizendo, no contexto do *logoi* sofísticos. Nesse caso, o trabalho de Górgias é aproximado da influência de outros sofistas, como Protágoras, que é, por sua vez, associado a duas declarações sobre o *logos*: a de que “há dois *logoi* para cada questão, oposto um ao outro”, e a de que ele ensinou como fazer “do *logos* mais fraco o *logos* mais forte”¹³⁴. Ambas as visões nos mostram que tanto Protágoras quanto outros sofistas estiveram influenciados pela idéia de compor pares de discursos, apresentando distintos lados da mesma questão, o que podemos chamar de *Antilogiai*¹³⁵.

Nesse sentido, considerando os aspectos presentes num discurso pautado nas *Antilogiai*, que pode também unir dois discursos distintos, vemos que muitos dos textos sofísticos podem ser dessa maneira enquadrados, como por exemplo: o *Odisseu* de Alquidamas, que é a acusação de Odisseu é claramente tido como uma resposta ao *Palamedes* de Górgias. Nesse caso, a antilogia se compõe através da junção de ambos os discursos, assim como *Helena* e *Palamedes* de Górgias são também antilogias implícitas. Cada um dos textos pressupõe *logoi* opostos que existem na tradição poética, e podem ser vistos como antilogias em que cada um dos *logoi* opostos são percebidos apenas de maneira implícita¹³⁶.

Ao nos depararmos com as afirmações feitas sobre o discurso com base na antilogia, podemos dizer que nenhum *logos* pode de fato vencer,

¹³³ GAGARIN, MICHAEL. *Did the Sophists Aim to Persuade?* University of California Press, Journal Division, Berkeley, 2001, p, 276-277.

¹³⁴ GAGARIN, MICHAEL... p, 281-282.

¹³⁵ Idem, Ibid.

¹³⁶ Ibid. p, 283.

caso contrário, o discurso perderia seu elemento mais característico, pois o objetivo de uma antilogia não pode normalmente ser o de persuadir uma audiência de uma conclusão específica. No entanto, é possível que cada um dos discursos individuais seja feito da maneira mais persuasiva possível, mas sem ter como objetivo a real intenção de persuadir. Nesse caso, podemos perceber que a reputação de um sofista não está associada à apresentação de um argumento tradicional, mas sim, à sua habilidade em achar um novo caminho para argumentar, uma visão não tradicional, que pode inicialmente parecer inverossímil ou até mesmo absurda¹³⁷.

No caso do argumento utilizado por Górgias no *Elogio de Helena*, vemos que de maneira distinta do caminho apresentado tradicionalmente, ou seja, ao invés de dizer que Helena não poderia ser culpada pela guerra por não ter ido a Tróia, Górgias apresentou a versão oposta. Dois dos argumentos escolhidos pelo autor, *logos* e *eros* fizeram com que seu discurso fosse ainda mais novo e menos plausível. Gagarin afirma que caso Górgias realmente estivesse interessado em persuadir a audiência, não teria lançado mão dessa estratégia. Contudo, se sua estratégia era a de demonstrar sua habilidade intelectual, possivelmente sentiu que quanto mais implausível o discurso parece de início, mais chance há de demonstrar suas habilidades ao argumentar em seu favor¹³⁸.

Para Gagarin não apenas há ausência de persuasão no *Elogio de Helena*, como também no *Tratado do Não Ente*. Pois não há como se pensar na possibilidade de crer que Górgias realmente estivesse tentando persuadir a audiência de que nada é. Em todo caso, o *Tratado* não deixa de possuir sua intenção e significado, contudo, ambos estão dissociados de qualquer tentativa de persuasão. No caso do *Palamedes* o autor sugere que, apesar de o discurso possuir como objetivo a persuasão, a partir de uma análise dos argumentos apresentados no texto, vemos que mais do que buscar persuadir o júri de que Palamedes é inocente, Górgias buscou demonstrar todo argumento possível para a defesa num discurso. Gagarin segue dizendo que *Palamedes*, ao contrário do que se

¹³⁷ GAGARIN, MICHAEL... p, 285.

¹³⁸ Idem, Ibid. p, 285.

faz num discurso forense, não possuiu como primeiro objetivo a persuasão, mas sim a demonstração de suas habilidades para intelectuais e estudantes, o que faz com que seu texto seja em essência um discurso “*epideítico*”¹³⁹, ainda que possamos dizer que é comum ao discurso, inclusive ao “*epideítico*”, persuadir. Gagarin afirma que se alargarmos o significado de “persuasão”, ligando todos os discursos ao termo, aproximaríamos todos os discursos sofísticos desse objetivo. Nesse sentido, o autor separa aquilo que visa chocar, dar prazer e dizer a verdade como um primeiro conjunto de objetivos do *logos* sofista, da persuasão, que, como podemos ver, é apresentada como um objetivo secundário¹⁴⁰.

No que diz respeito à compreensão da sofística de maneira mais precisa, Gagarin diz que considerar o objetivo de tais pensadores a partir da perspectiva de que eram professores de argumentação persuasiva no discurso forense ou de situações deliberativas é algo que foge das reais possibilidades alcançadas por seus pensamentos. Mais do que ensinar aos outros como falar melhor nas cortes, eles abriram novas perspectivas na maior parte das questões intelectuais. Sendo assim, vemos que o autor apresentou a ideia de que a compreensão da retórica como “arte de persuasão” distorceu a abrangência da contribuição sofística ao que entendemos por retórica. Os sofistas possuíram uma multi-facetada compreensão do *logos*, onde a persuasão era apenas mais um elemento, considerado por muitos dos sofistas como algo distanciado deles próprios e de seu *logoi*. Gagarin diz inclusive que possuímos a noção negativa da concepção de retórica, a partir da leitura feita por Platão a esse respeito, limitando sua compreensão à enganosa persuasão das massas. Essa questão inclui, ainda, o fato de que o *logos* sofístico era muito mais uma ferramenta para pensar do que para persuadir.

Ainda que as releituras feitas por Schiappa e Gagarin estabeleçam novas e interessantes perspectivas de leituras sobre a tradição retórica, e sobre a compreensão da arte retórica, temos algumas importantes questões que tratam da forma como estabelecemos o pensamento de

¹³⁹ Ibid. p. 286-287.

¹⁴⁰ GAGARIN, MICHAEL. *Did the Sophists Aim to Persuade?* p. 288.

Górgias neste trabalho, que, ao mesmo tempo que vão ao encontro de algumas das idéias colocadas por ambos os autores, abraçam perspectivas bastante distintas das que foram por eles apresentadas, questão que retomaremos no próximo item.

3.4. A Leitura de Górgias e a Reconsideração Sobre a Tradição Retórica

De acordo com a análise das interpretações sobre o pensamento de Górgias feitas até aqui, possuímos dados suficientes para construir uma leitura que dê conta de nossa proposta de trabalho. Contudo, ainda que busquemos analisar o pensamento de Górgias, deixaremos muitos importantes pontos a seu respeito em suspenso, o que quer dizer que, apesar de indicarmos um caminho, não deixamos de ter consciência da existência de muitos outros. É importante, portanto, ratificarmos o fato de que nossa intenção neste trabalho é muito mais a de estabelecer diálogo entre as leituras de que dispomos, do que de separá-las e/ou minimizá-las.

De início, estabelecemos um diálogo direto entre Górgias e Platão, considerando aspectos que são apresentados pelo filósofo no diálogo *Górgias* como relevantes para a leitura de Górgias. O que nos é válido e muito pertinente para a análise de Górgias é a consideração de Platão a seu respeito. Górgias, como pudemos ver no capítulo anterior, foi chamado de retórico por Platão, e isso é por nós considerado uma importante delimitação no que diz respeito à leitura de Górgias. Ainda que Schiappa tenha demonstrado que foi Platão quem cunhou o termo retórica no século IV¹⁴¹, podemos dizer que o autor se preocupou muito mais em demonstrar que muitas das questões de ordem histórica não correspondiam legitimamente aos dados por nós obtidos a respeito da invenção da retórica, do que em fazer objeções a respeito da maneira como compreendemos a sofística. Obviamente sabemos que o autor esteve interessado em reconsiderar questões a respeito da retórica para que também fosse possível a relativização de questões de ordem interpretativa. Contudo, ainda que o autor tenha constatado o fato de que o termo retórica não possa ser atribuído a nenhum sofista, ele não desconsiderou o fato de que o movimento sofístico contribuiu para a constituição da própria retórica¹⁴².

¹⁴¹ SCHIAPPA, EDWARD... p 14-29.

¹⁴² SCHIAPPA, EDWARD... p, 28- 34. Ainda que Schiappa empreenda uma análise sobre a concepção do termo Retórica na Grécia antiga, desmistificando o fato de que existia uma

Dadas as informações a respeito da criação da retórica, podemos dizer que Platão implantou o termo na tradição, considerando importantes questões e atividades que vinham ocorrendo na Grécia, e isso faz com que percebamos o quanto as contribuições daqueles que vinham pensando a respeito do *logos* foram importantes para o desenvolvimento da arte retórica, ainda que os sentidos atribuídos aos conceitos, antes e depois de Platão, possam ser vistos de maneiras diferentes. Como nos disse Schiappa, o sentido de *eikos* presente no século V e o de (*to eikos*) inserido por Platão são distintos. Contudo, ambos não deixam de apresentar uma aproximação no que diz respeito aos significados ¹⁴³.

Sabemos, entretanto, que as motivações de Platão se tornaram tão evidentes em criar e fundamentar uma análise sobre a Retórica, que o filósofo se dedicou a falar sobre esse assunto como podemos notar no diálogo *Górgias*. Dado o fato de que Górgias não utilizou a palavra retórica em nenhum de seus textos¹⁴⁴, constatamos que não foi ele o inventor da arte retórica tal como é compreendida pela tradição. Mas sabemos, contudo, que suas atividades e produções textuais contribuíram enormemente para o desenvolvimento desta arte. Como vimos no início deste capítulo, tanto o *Elogio de Helena* quanto o *Palamedes* descrevem a existência de elementos técnicos ligados ao *logos*, ainda que ambas as concepções sejam feitas de maneira bastante distintas. Enquanto o *Elogio de Helena* aborda uma “concepção negativa” da Retórica, *Palamedes* aborda uma “concepção positiva”. No caso do *Tratado do Não Ente*, vemos que, apesar de ser este um texto que não aborda qualquer relação com a técnica retórica, há em sua finalidade uma clara relação com uma visão de mundo. A partir da análise desse texto feita no início deste mesmo capítulo, vemos que Górgias buscou mostrar que é através da linguagem que podemos ter acesso às coisas, ou, ainda, que a

conceituada noção de retórica no século V, há uma clara menção feita pelo autor de que houve já nesse período reivindicações sobre questões referentes a retórica... O autor constrói, inclusive, a idéia de que houve uma implícita ou “não declarada” teoria da persuasão e do discurso nos antigos textos de Homero e Hesíodo. Contudo, é importante ressaltar que, para o autor, nossa compreensão do termo retórica a partir da tradição que, possui por base a leitura platônica, não pode ser associada aos significados de *logos* e *legein* no século V.

¹⁴³ SCHIAPPA, EDWARD... p, 36.

¹⁴⁴ GAGARIN, MICHAEL. *Did the Sophists Aim to Persuade?* p, 276.

linguagem representa uma esfera de criação daquilo que pode não apenas ser visto como o real, mas sim como o que cria a realidade. Apesar de o *Tratado* não fazer qualquer tipo de análise sobre as questões de linguagem, e sim sobre questões voltadas para a ontologia e a epistemologia, vemos que a não correspondência do nosso pensamento com os entes faz com que o *logos* não dê conta do acesso ao mundo, e, de acordo com a análise de Bruce McComiskey, isso implica na criação de uma meta-linguagem, separando, por sua vez, o *logos* dos *onta*, apresentando, com isso, não apenas uma concepção da prática e ensino da arte retórica, descritos no *Elogio de Helena* e no *Palamedes*, como também uma nova perspectiva de se pensar a realidade. Gagarin demonstrou que é possível ler Górgias com base numa composição antilógica, e desmistificou a idéia de que a retórica deve ser caracterizada apenas como “a arte da persuasão”, alargando o conceito apresentado inicialmente por Platão¹⁴⁵. Contudo, o autor pareceu relativizar a importância do *Tratado* em sua leitura, o que não faz com que deixemos de considerar as contribuições da obra para a construção do pensamento de Górgias.

Ainda que tenhamos a idéia comum de que a intenção dos sofistas, em especial Górgias, é unicamente a de persuadir, é de extrema importância que saibamos abranger suas atividades, de maneira que possamos chegar o mais próximo possível de seus pensamentos. Ao sabermos que há uma evidente proximidade da sofística com a tradição poética, vemos que suas atribuições percorreram campos muito mais vastos do que os que costumamos apontar. Podemos considerar que as atividades unicamente de ordem poética deram lugar a outras questões, devido às transformações ocorridas no contexto citado, e é exatamente do momento de inserção do cidadão no seio das atividades políticas e das mudanças que essa transformação exige que trata o diálogo *Górgias* de Platão. Ou seja, Platão nitidamente buscou dialogar com os problemas apresentados nesse contexto, o que fez com que buscasse dar conta da atividade de Górgias a partir das questões consideradas por ele mais

¹⁴⁵ Ibid. p, 290-291.

relevantes. Nesse sentido, é evidente que o filósofo tenha lançado mão de conceitos que dessem conta da atividade apresentada por aqueles que podemos chamar de herdeiros da tradição poética. Jaeger, por exemplo, demonstrou que essa herança se deu a partir da base educativa, antes presente na dimensão das atividades dos grandes poetas, e que essa configuração pode ser percebida pela racionalização dos conteúdos abordados, como vimos no capítulo anterior¹⁴⁶. Sendo assim, Platão, ao ter identificado a importância que a figura de sofistas como Górgias tiveram no contexto ao qual nos referimos, lançou mão de análises que dessem conta do que tratou como objeto em muitos dos seus diálogos, ou seja, a figura do sofista. Contudo, apesar de retirarmos importantes dados dos diálogos de Platão sobre a figura de Górgias e de sua atividade, sabemos que as questões por ele abordadas tendiam para uma leitura consideravelmente parcial, ainda que o conceito de retórica, cunhado pelo filósofo, seja responsável por demonstrar a abrangência do pensamento de Górgias.

A Retórica de Górgias é resultado da percepção tanto da ausência de fundamentação das coisas, quanto do poder que a linguagem possui diante da superficialidade do conhecimento que podemos de fato alcançar. Sua relação com as questões que envolvem o acesso ao conhecimento baseia-se numa postura *antifundacionalista*¹⁴⁷. Contudo, suas atividades apresentam-se direcionadas ao ensino e a questões de ordem prática. Nos é clara a relação estabelecida entre Górgias e a política através de sua atividade retórica, ou melhor dizendo, Górgias, enquanto professor de retórica, fez parte de assuntos direcionados à vida pragmática. Suas ideias partilhavam de um contexto em que a *faculdade da fala* ocupava um *lugar central*, antes como a *palavra mágica*, enraizada no mito, e em seguida, agregada a uma concepção mais humanista¹⁴⁸.

¹⁴⁶ Jaeger... Paideia. p, 339.

¹⁴⁷ Ver Scott Consigny...

¹⁴⁸ CASSIRER, ERNST., *Ensaio Sobre o Homem: Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana*; Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo; Martins Fontes, 1994. P, 181-190. Cassirer fala sobre a transformação da palavra que antes representava um poder mágico e deu lugar a uma compreensão de ordem semântica e simbólica, transformação esta que se deu a partir do pensamento heraclítico. O autor apresentou uma aproximação do pensamento de Heráclito

Podemos representar o pensamento de Górgias a partir de uma perspectiva mais prática do que teórica, como nos fez ver Platão no *Górgias*; no entanto, consideramos que as aspirações práticas de Górgias não estão desvinculadas de uma concepção teórica. Ainda que em textos como *Palamedes* possamos ver uma descrição técnica de argumentos presentes num discurso forense, sabemos, a partir das análises feitas neste trabalho, que as releituras que apontam para uma nova compreensão da retórica nos apresentam novas possibilidades, e que esse alargamento do conceito retórica aliado à leitura holística dos textos de Górgias fazem com que aproveitemos o máximo de informações apresentadas tanto nos textos do retórico, quanto nas análises apresentadas da tradição clássica.

Analogamente ao termo retórica, vemos que a palavra *poiesis* também esteve afastada da atividade poética que a ela usualmente associamos. Ou seja, o termo *poiesis*, cujo significado geral é criação ou fabricação, não correspondeu na época de Homero e Hesíodo, isto é, dos grandes poetas gregos, à atividade por eles praticada, pois a criação do termo apenas passou a agregar o sentido de produção da poesia a partir dos escritos de historiadores como Heródoto e Tucídides. Podemos ver que, apesar de ter havido referência a palavras análogas ao termo em textos como *Ilíada* e *Odisséia* de Homero, estes não referem-se à compreensão do ato de “compor poesia” como vemos em Platão¹⁴⁹. Nesse caso, sabemos que, apesar de para Platão e Aristóteles Homero ser considerado a figura representativa do poeta, a palavra *poietes* só

com o pensamento sofístico, referindo-se à abordagem platônica sobre esse assunto no diálogo *Teeteto*. Contudo, seguiu apresentando uma importante diferença entre ambos: para Heráclito a palavra (*logo*) era um princípio metafísico universal, dotado de veracidade geral, validade objetiva. Os sofistas, por sua vez, não aceitavam mais a “palavra divina”, apresentada por Heráclito como o primeiro princípio de todas as coisas. Nessa transição de pensamento, o homem passou a ser o centro do universo, como nos mostra o dito de Protágoras: O homem é a medida de todas as coisas...” Nesse sentido, Cassirer os aproximou das preocupações práticas, mesmo que a teorização de suas questões fossem de considerável relevância. A partir dessa perspectiva, vemos que a criação da retórica, segundo o autor, se deu a partir da necessidade prática de se relacionar com o mundo.

¹⁴⁹ SOUZA, JOVELINA MARIA REMOS DE. *As Origens Da Noção de Poiesis*. Hypnos: Aspectos do *logos*; revista do Centro de Estudos da Antiguidade. Pontifícia Católica de São Paulo. Ano 13, n° 19, São Paulo; EDUC; PAULUS; TRIOM.2007. A autora assinala as palavras *poietós* e o verbo *poieó*. Ambas associam-se, neste contexto, a significados voltados apenas para a fabricação de coisas materiais, e refere-se aos seguintes diálogos platônicos: *banquete*, 223d4; *Fedro*, 243a8; *Fédon*, 60d4; *Ion*, 534b5; *Polítia*, II, 383a3. P, 87.

aparece na segunda metade do século V, em Heródoto e nos poetas cômicos. Podemos notar inclusive que, para Homero, ele mesmo não era poeta, já que as expressões aplicadas a sua prática são: *aoide*, canção, *épos*, discurso ou palavra e *mythos*, história, relato¹⁵⁰.

A partir da criação do termo *poietes* passa a haver uma distinção entre os termos *aidós* e *poietes*, designando o primeiro o cantor, que dedicasse à interpretação, e o segundo, o “compositor”, o criador. Associada a essas distinções agregaram-se ao termo *poiesis* novos significados. O que era antes compreendido apenas por fabricação ou criação, passa a ter um significado a mais, já que a partir da correspondência do termo com o significado mais determinado de *poietes*, ambos acrescentam ao próprio significado a noção de produção feita através da palavra. Sendo assim, o *poietes* cria através do *logos* o *poiema*¹⁵¹.

A partir da nova concepção da palavra *poiesis*, com base em um novo significado por ela agregado¹⁵², vemos que tanto Heródoto quanto Tucídides, ainda que representassem o primeiro significado atribuído ao termo, aproximaram-no de uma leitura mais abstrata. No caso de Heródoto, essa aproximação pode ser lida a partir de sua constatação de que os poetas seriam Hesíodo, o pseudo Orfeu e o pseudo Melampos. No caso de Tucídides, vemos que há para ele uma expressão de peculiaridade presente no discurso poético, que tem por objetivo a narrativa dos fatos ocorridos. Nesse caso, já há por parte do historiador uma tentativa de controlar o conteúdo da construção poética, em nome de uma racionalidade alheia ao pensamento mítico, como Platão fará posteriormente¹⁵³.

Além destas referências, temos outras ocorrências do termo no trágico Eurípedes e no comediógrafo Aristófanes. Nesse contexto, o próprio poeta passou a reconhecer sua relação com o termo; isso quer

¹⁵⁰ Ibid.

¹⁵¹ Ibid. p, 88.

¹⁵² A autora faz referência ao uso mais determinado do termo em Heródoto. O autor, em seus escritos, preserva o sentido tradicional de produção das coisas em geral, mas apresenta uma determinação do termo através da representação de coisas puramente abstratas, de maneira distinta de como era lido em seu uso primitivo.

¹⁵³ Ibid. p 89-91. A autora cita o fato de que houve uma oposição frontal por parte de Tucídides às narrativas dos poetas.

dizer que o poeta já se via como *poietes*, no exercício de uma função essencialmente discursiva¹⁵⁴, ou seja, passou a haver, nesse período, a legitimação da noção de poeta que é por nós empregada. Contudo, mais do que apresentar aspectos referentes ao desenvolvimento do termo desde o período homérico, é para nós de extrema importância indicar a maneira como a expressão foi lida por Górgias.

Sabemos que Górgias foi por muitos comentadores visto como um dos representantes dos herdeiros da tradição retórica. Contudo, o retórico deu ao termo “*um tratamento novo, “buscando precisá-lo melhor em relação à sua “matéria”, no caso, a palavra, o discurso, portanto, o logos*”.¹⁵⁵ Vemos que no *Elogio de Helena*, Górgias descreve sua visão da poesia, ao dizer que a poesia (*poiesis*) é um discurso que possui métrica (9, 21). Nesse sentido, a poesia não apresenta-se como qualquer discurso, e os termos *poiesis* e *poietes* não estão mais vinculados a um fabricar geral de coisas; além do que, Górgias remove os vínculos da poesia com o divino, anteriormente estabelecido pela tradição. Sendo assim, o *logos* poético passou a ser um atributo próprio do homem, em vista do bom uso que é a ele atribuído.

A partir dessa nova concepção do *logos* poético, o *enthousiamós*¹⁵⁶ revela-se não mais como algo vinculado aos rituais órficos ou às Musas. Górgias estabelece, a partir de então, uma compreensão mais humana do termo. A produção com base no uso das palavras submetidas à métrica, ou seja, a poesia, passa a vincular seu efeito sobre o indivíduo não mais como algo oriundo de uma força sobrenatural, mas sim do *logos*. A *poiesis* nesse caso, não recebe nenhum influxo divino; contudo, a forma como ela compõe o *logos* torna o *logos* divino¹⁵⁷. A noção de *éntheos*, para Górgias, é bastante particular, considerando os significados tanto dos poetas que o precederam, como Homero, Hesíodo e Píndaro, como também os significados presentes em Demócrito e Platão. Podemos ver, portanto, que, para Górgias, é por meio da forma poética que o *logos*

¹⁵⁴ Ibid. p, 91.

¹⁵⁵ P, 92.

¹⁵⁷ Ibid. p 93-94.

produz algum efeito, o que faz com que o termo *poiesis* assuma o estatuto de produção apenas humana¹⁵⁸.

Com base na transformação do termo *poiesis* e da compreensão da função do *poietes*, destacamos três relevantes aspectos: O primeiro vai ao encontro da ideia por nós apresentada de que, ainda que o termo retórica tenha sido cunhado apenas por Platão, o conceito de retórica pode ser atribuído a Górgias por suas práticas voltadas para os distintos usos do *logos*, assim como podemos reconhecer, com base na tradição, a consagração do ideal de poeta nas figuras de Homero e Hesíodo, sem que ambos tivessem consciência do uso que o termo *poietes* passou a ter; o segundo diz respeito ao fato de ratificarmos a leitura que atribuí a Górgias a função de herdeiro da tradição poética, devido ao fato de vermos em seu pensamento tanto um novo significado atribuído ao termo *poiesis*, quanto uma aproximação de sua produção com a definição da prática poética por ele mesmo apresentada, em um contexto em que o *poietes* já possuía consciência de si mesmo; em terceiro e último lugar, vemos que Górgias atribuiu ao termo *poiesis* duas importantes acepções: a que o define como uma atividade vinculada exclusivamente à produção com base no uso do *logos*, e a que define esta produção como uma produção essencialmente humana, postura correspondente às aspirações intelectuais do contexto do qual fazia parte.

¹⁵⁸ Ibid. p, 94.